

Recordações de Ruy Luís Gomes

Ruy Luís Gomes foi uma figura ímpar e inesquecível, como matemático e como cidadão. O primeiro centenário do seu nascimento ocorreu no passado dia 5 de Dezembro e comemorou-se no Porto em sessão organizada pela Sociedade Portuguesa de Matemática e pela Sociedade Portuguesa de Física. Acabava de ver a luz do dia uma fotobiografia preparada por Natália Bebiano que documenta muito da sua vida.

Ruy Luís Gomes pertenceu à conhecida “geração de quarenta”. Deixou uma obra notável no campo científico e desenvolveu grande actividade cívica e política em prol da democracia. Antes da revolução democrática de Abril chegou a ser indicado para candidato a Presidente da República e, depois daquela data, foi membro do Conselho de Estado, reitor da Universidade do Porto, pertenceu ao Tribunal Cívico Humberto Delgado, e presidiu à Comissão Directiva do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, de que foi co-fundador.

Ao longo dos anos cruzei-me, em mais de uma ocasião, com Ruy Luís Gomes e recordo agora, com emoção, alguns desses encontros. Não sei quando ouvi o seu nome pela primeira vez. Mas recordo-me do primeiro contacto, um contacto quase físico que provava que ele existia e não era só produto de imaginações prodigiosas. Suponho que foi em 1958. Entrei na livraria Atlântida em Coimbra, como era meu costume, a fim de visitar as estantes, com especial atenção para os livros de matemática, aliás escassos. A certa altura dei com um livro com o título “Integral de

Lebesgue-Stieltjes”, tendo na lombada “Ruy Luís Gomes” e “Porto 1952”. Fiquei deslumbrado. Naquela época havia figuras de que se falava em voz baixa mas nem se sabia ao certo se existiam; por isso se tornavam lendárias. Oficialmente não existiam. Os nomes pronunciavam-se mas não sabíamos bem se eram vivos ou mortos, onde residiam, se os feitos que se lhes atribuíam eram reais ou imaginários. Os jornais não falavam deles nem podiam. A rádio e televisão, muito menos. Existiriam? Seriam um perigo para o regime político, talvez mesmo criminosos, como alguns diziam? Mistério.

Dar com o livro foi, para mim, a confirmação de que Ruy Luís Gomes existia. Abri-o e deparei com esta dedicatória, escrita à mão: “A meu querido Pai, ofereço o 1º volume do Integral de Lebesgue-Stieltjes, pensado e levado ao fim em plena luta pelos valores morais e políticos em que fui educado.” Como assinatura só “Ruy” e a seguir a data “Porto 9-VIII-52”. Tudo manuscrito, pelo punho do próprio, provando que existia e tinha vida e que, se não se sabia do seu paradeiro, já vivera no Porto. Fiquei espantado e pensei que estava perante uma preciosidade. Apesar de ter a algibeira quase vazia, consegui juntar tostões suficientes para adquirir o livro que ainda hoje conservo.

Voltei a ter notícias de Ruy Luís Gomes em 1970. Desta vez recebi uma carta dele, suponho que em Abril, e custou-me a perceber como é que uma figura política eminente e matemático notável sabia da minha incolor existência. Vim a saber que fora o meu colega José Vitória que lhe havia

falado da minha pessoa e exagerado as minhas aventuras. Por isso ele me escrevia e me sugeria um lugar de Professor na Universidade Federal de Pernambuco onde ele à data ensinava. No Verão desse ano estive presente no Congresso Internacional de Matemáticos em Nice onde pensava falar com Ruy Luís Gomes. Infelizmente ele não compareceu mas confraternizei com outras figuras lendárias portuguesas do mundo da Ciência que se encontravam no exílio. Entre eles José Morgado, um grande amigo e companheiro de muitas lutas de Ruy Luís Gomes.

Em fins de Janeiro de 1971, como consequência da carta que recebera, viajei para o Recife. Ruy Luís Gomes estava de férias na Europa e somente em Abril, se não me falha a memória, o vi pela primeira vez em carne e osso. Foi o

início de uma convivência amistosa. Depois da revolução de 1974 encontrámo-nos diversas vezes em diversas circunstâncias, nalguns casos em actividades da Sociedade Portuguesa de Matemática.

O seu entusiasmo e interesse pelos problemas da Ciência, do ensino, das sociedades científicas, da actividade cívica e da vida política não esmoreceu até ao fim da vida. Muitas vezes, já na década de oitenta, me solicitou o envio de livros que a riquíssima biblioteca do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra tinha e ele não encontrava no Porto. Para mim foi um privilégio conhecê-lo: o Professor Ruy Luís Gomes constituiu para mim um exemplo inesquecível pela sua acção, pelo seu saber e pela sua modéstia.

Graciano de Oliveira



Ruy Luís Gomes à direita com Manuel Zaluar Nunes e José Morgado, também eles excluídos do ensino universitário, na sequência da ofensiva repressora do Estado Novo de 1946 e 1947.